

Senhor Diretor.

A devolução dos originais do livro de minha autoria — "A GENTE DA TERRA DE IBIRAPITANGA", sem ao menos respeitar as boas regras de cortesia, exige que faça um protesto formal e, ao mesmo tempo, que use de franqueza para analisar um movimento literário, pernicioso ao Brasil, ao qual acabam de aderir os atuais dirigentes da Biblioteca do Exército, como veremos depois.

Portanto, não se trata de encobrir máguas recalçadas, nem de apoiar protestos em vaidade e nem de converter as paredes dessa Biblioteca nos muros de Jerusalém e fazer uma imitação barata das lamentações de Jeremias.

Quando escrevi o livro — "A GENTE DA TERRA DE IBIRAPITANGA", não aspirei embolsar milhares de cruzeiros e nem nunca desejei ver meu nome nos cartazes de propaganda. Também não cogitei de obter, com ele, ingresso na Academia Brasileira de Letras, pois espero que "os deuses sempre me guardem de ser colega em alguma coisa de Assis Chateaubriand."

Mas passemos ao assunto principal.

A paisagem social brasileira é realmente desanimadora.

Não temos uma elite dirigente e não há interesse algum em criá-la. A vida cultural do país gravita em torno de alguns nomes retumbantes. Ninguém estuda os problemas sociais, políticos e econômicos do Brasil com a seriedade desejada.

A nossa civilização, como no tempo da colônia, limitou-se ao litoral, eternizando a imagem de "arranhador de caranguejos" de Frei Salvador de Jesus, famoso cronista do século XVII.

Vivemos a copiar tudo que o estrangeiro faz. Do Grito do Ipiranga até a República festejar as suas Bôdas de Prata tivemos o modelo da França: costumes, idéias, literatura e modas.

Agora a organização política, a arquitetura, as modas, os costumes e até a música das "boites" americanas, traduzem o esforço nacional de "americanalhar" o Brasil.

A Capital Federal, injustamente caluniada de "Cidade Maravilhosa", é considerada pelos intelectuais o verdadeiro coração do Brasil, e essa gente, sugestionada com a debandada dos escravos para a Côte, após a lei-áurea, julga que a influência africana é preponderante na nossa formação etnográfica.

E a música popular, traduzindo esse modo de entender, gravita em torno do eixo simbólico Rio-Baía.

Gilberto Freyre — o maior apologista do movimento afro-brasileiro, escreveu seus primorosos livros, na pitoresca estância de Apipucos, sem nunca alongar os olhos para além da "bandeira verde dos cânaviais." Comportou-se sempre como um estrangeiro que escreve livros sobre o Brasil, sem nunca sair de Recife. Nem ao menos se deu ao trabalho de fazer uma excursão pelas últimas cidades do sertão pernambucano, servidas por estradas de ferro, para observar ligeiramente a população rural de gente bronzada, cujos traços característicos revelam a origem indígena.

Artur Ramos, Carlos Maul, José Lins do Rego e outros partidários da africanização do Brasil, só enxergam a questão pelos olhos do Gilberto Freyre e proclamam que o nosso país é uma mesclagem harmoniosa das culturas de Portugal e Angola, levemente salpicada de indianismo.

E esse movimento encontrou os aplausos e o apóio moral dos pretos norte-americanos, estabelecendo-se logo entre as duas minorias uma espécie de aliança militar ofensiva-defensiva.

Mas foram além no atrevimento. Rasgando a história e profanando sepulturas, proclamam que muitos brasileiros ilustres de pele morena têm sangue africano nas veias. E lá se vão nessa classificação apressada, Pedro Américo, Carlos Gomes, Rocha Pombo e outros como expoentes de um superior tipo tropical: — o mulato.

E o verdadeiro Brasil passou a ser a Baía com o seu vatapá e quindins gostosos ou o Rio com as suas escolas de samba.

Mas a reação não se fez esperar.

Contra esse estado de cousas insurgiu-se o Prof. Faris A. Michale, homem culto e de espírito superior.

Reunindo, em Ponta Grossa, um grupo de intelectuais, esse ilustre homem de letras, fundou o Centro Cultural Euclides

CARTA ABERTA

da Cunha, com a finalidade de dar novos rumos ao movimento cultural do Brasil.

A primeira originalidade que encontramos é ver na diretoria do Centro homens de todos os partidos políticos e, entretanto, não se discute esse assunto e nunca se mencionou o nome de nenhum candidato no recinto de sua sede.

Os euclidianos acreditam que a cultura seja a única força capaz de regenerar os nossos costumes políticos e, na medida do possível, procuram fazer com que os moços, dirigentes do Brasil de amanhã, tomem interesses pelos problemas sociais, políticos e econômicos do Brasil.

"O despertar do Brasil - Cacoblo" é a legenda euclidiana. Não é uma simples figura de retórica. O seu simbolismo é perfeito. É fiel ao pensamento do nosso patrono e faz eco ao "brado vingador" que fulgura nas páginas d'Os Sertões.

Ela traduz a preponderância do elemento indígena na formação etnográfica do Brasil, como nos mostra qualquer exame na carta geográfica do país, cujas áreas onde se estendeu a escravidão não atingem 10% da total.

Ela indica a valorização econômica do interior pela reorganização da lavoura e pecuária, pelo aproveitamento do potencial hidro-elétrico das nossas cachoeiras; pela abertura de estradas, criação de escolas e postos de saúde, e pela canalização de uma selecionada corrente imigratória.

E, finalmente, proclama a mudança da Capital Federal para o planalto goiano, que, no expressivo dizer de Jerônimo Coimbra Bueno, representa "a pedra angular da recuperação moral, política e econômica do Brasil".

O Centro Euclides da Cunha tem um jornal de propaganda — "O Tapejara", formado exclusivamente de colaborações, sem anúncios ou matéria paga. É distribuído gratuitamente aos euclidianos e aos outros centros culturais do país e do exterior.

Em Portugal, revistas e jornais transcendem colaborações do Tapejara, e em Lausanne, na longínqua Suíça, o nosso jornal foi considerado a verdadeira voz do Brasil.

E de vários países da América chegam aplausos ao nosso movimento vitorioso.

Ora, Snr. Diretor, o livro — "A GENTE DA TERRA DE IBIRAPITANGA", é fiel ao pensamento euclidiano e por isso chocou-se violentamente com as idéias do movimento afro-brasileiro dos intelectuais do Rio de Janeiro.

A preponderância ameríndia na nossa formação etnográfica, a valorização econômica do interior, a mudança da Capital Federal e os erros políticos e econômicos que cometemos, são "tolices" que a Biblioteca do Exército não deveria publicar.

Para a "turma do Rio", a mudança da Capital Federal é um verdadeiro crime de lesa-Brasil e o governo deveria aplicar a força e o fuzilamento para quem desejar isso.

E a comissão de Publicação da Biblioteca examinou, com enfado, os originais de um livro de História do Brasil, mandado lá dos confins do Paraná por "um qualquer coronel analfabeto e pretencioso" e que, em vez de proclamar a superioridade da raça brasileira, a doçura do clima, a beleza de um céu de puríssimo azul e afirmar que temos o maior rio do mundo, segundo o clássimo modelo do "Porque me ufano" de Afonso Celso, mostra apenas erros de nossa formação histórica, erros da nossa organização política, erros tremendos na vida econômica do país que, acumulados, nos conduziram ao caudilhismo que o autor mostrou-nos civilizado, vestido de casaca e luvas brancas.

E teve a audácia de dizer que o estudo de História é feito de acordo com o ponto de vista dos ufanistas, afirmando que Rocha Pita, Afonso Celso, Gustavo Barroso, Rocha Pombo e Pedro Calmon, são mais patriotas que historiadores.

E o prefácio do Gen. Inácio José Veríssimo?

Para a comissão, não passou de um trabalho apócrifo.

Um grande chefe militar que tanto honra as letras brasileiras não poderia nunca elogiar um livro que é uma verdadeira "blasfêmia cívica". Não temos caudilhismo. É mentira!

O Brasil tem a melhor democracia do mundo. Os nossos partidos políticos só são formados por homens de fibra e de caráter íntegro.

Seus programas são orientados pela

livro "Reino Negro dos Palmares" que teve o luxo de ser editado em dois volumes, mal escrito e que só dispõe de boa documentação histórica.

E protesto também contra essa falta de brasilidade em não querer compreender que o coração do Brasil está no interior e não nas cidades embelezadas por arranha-céus e cartazes luminosos e nem a vida brasileira palpita nas "boites" luxuosas ou nas elegantes reuniões mundanas da aristocracia endinheirada. E para concretizar esse protesto, exonero-me de sócio da Biblioteca e termino esta dizendo-lhe que meu livro será publicado, pois irei bater em outras portas, onde espero ter melhor acolhida, mais fraternal e mais indulgente.

Saudações

Ten. Cel. Murillo Teixeira Barros

Vice-Presidente do Centro Cultural Euclides da Cunha.